

JORNAL DOS DEBATES

POLITICOS E LITTERARIOS.

Publica-se nas Quarta-Feiras e Sabbados. — Subscree-se nesta Typographia. — O Preço da Assinatura é de 2000 rs. por Trimestre, pagos adiantados.

Rio de Janeiro. — Typographia de Crémère, rua do Ouvidor, n. 104.

INTERIOR.

(ARTIGO COMMUNICADO.)

A riqueza de qualquer povo depende da somma de seus productos, e estes são necessariamente o resultado da sua industria e trabalho para que os mesmos productos tenham um valor realisavel, preciso é fazel-os entrar em movimento por meio de trocas, communmente a cargo do commercio, que lhes procura consumidores; e quanto maior somma de productos offerecer, mais riqueza apresenta, mais credito, e menos dependencia. Não desenvolvemos esta theoria, de obvia concepção, por estar ao alcance de todos, a quem os principios economo-politicos são conhecidos. Nem diremos neste que sem boas estradas, sem meios de transportar as produções excedentes do consumo immediato, esmorecerá o productor, deixarão essas riquezas de entrar em circulação, e ficarão como se não existissem. Poderíamos apontar exemplos de muitas nações, que, pobres em seu começo devem á sua industria, á par das luses e civilisação dos ultimos seculos, o poderio a que chegarão; mas bastará lançar uma vista d'olhos sobre as duas nações mais elevadas da Europa (*Inglaterra*, e *França*) e sobre os *Estados-Unidos* nossos conterraneos; para investigarmos a origem de seus progressos na carreira da opulencia. A primeira, a quem denominarão alguns — nação de pescadores — poderia hoje considerar-se uma nação maritima, cheia de experiencia; mas jamais alcançaria o ponto de prosperidade, que ha tocado, se, limitado o seu genio a afrontar os mares, não couresse de tirar vantagens da industria rural e manufactureira; cujos productos procurando consumo além dos mares, conduzidos por seus proprios navios, atrahem ao seu paiz novos valores, e novas exigencias: a consequen-

cia foi o emprego de braços, que, de puros consumidores, se tornaram productores; a elevação do commercio, cujos agentes cogitando meios de fazer valer os fructos de toda a industria, por interesse proprio, animaram a mesma industria, e introduziram o amor do trabalho, que concorre para o bem geral, e prosperidade commum: porém se este giro fora circumscripto ao seu litoral, cujas produções recebessem as suas quilhas, e aonde somente podessem derramar os retornos, não chegaria de certo a famosa *Albion* ao estado de riqueza, que põe em movimento toda a sua população. As estradas em todas as direcções, os canaes geraes e particulares, eis os vehiculos por onde os productos da industria de milhões de braços, collocados em distancias differentes, se vem accumular nos seus mercados, tomão direcções diversas, e apresentam valores reaes, que deixariam de existir, como já se disse, se o movimento lhes fora dificultado. O mesmo podemos dizer da França, e com mais razão, attenta a sua posição continental, e sua actual abastança, e diremos mesmo civilisação, a facilidade, que lhe apresentam os grandes canaes e multiplicadas estradas, para alcançar novos valores de productos variados. Os resultados de suas navegações, da experiencia dos seus marinheiros intrepidos darião a este povo as vantagens, que deve ao seu commercio interno, (independente de todos os eventos) e á sua industria espalhada por todo o solo francez, e que alimenta o seu commercio externo?... A resposta pode escutar-se da Hespanha e Portugal, cujas descobertas, e navegações passmosas, não os poderão salvar da pobreza e ignorancia, de que iam consolar-se no santo ocio dos mosteiros.

A industria alimenta as artes, e agricultura, o commercio, e a navegação; pode mesmo com aquelle nome designar-se todo o ramo de trabalho: o povo, que o despreza, mal pode percorrer

a carreira da civilisação moderna, e ficará muito áquem da meta, a que está se abalança.

Todos sabem a que estado de prosperidade chegarão os *Estados-Unidos*, esta feliz nação americana, que na sua carreira, tão recentemente encetada, parece ter avançado séculos! O amor do trabalho, a industria aperfeiçoada pela experiencia, as instituições livres, tudo transplantado da antiga metropole, tomou raizes, e floresceu gigantescamente em seu solo virgem. Logo que firmou a sua independencia, e a sua população tomou incremento, os *Estados* fitarão o apice de gloria, a que os chamava o seu destino: povoar o seu vasto interior, facilitar o transporte do producto aos seus portos, por meio de canaes, estradas, pontes, etc., eis o seu primeiro cuidado. Assim vemos hoje esta nação apresentar numerosos productos, e dar consumo, já em seu seio, já fora d'elle, a valores immensos; alimentar uma navegação, que rivalisa com a da potencia mais commerciante do globo, e accumular capitães exorbitantes.

Que tem feito o Brasil, mesmo depois da sua gloriosa emancipação?... A nossa imaginação, depois de bosquejar a ventura de povos muito menos favorecidos da natureza, esmorece quando se fixa no prospecto do nosso paiz! Não se tem visto nelle se não uma luta continua entre os interesses do poder, e os interesses dos povos; e como se fomentava a agricultura, o commercio, em fim toda a industria em geral? Tantos emprestimos, dentro e fora do paiz, tamanha dívida, que nos acabrunha, foi isto despendido em promover o augmento da população util? Aonde as novas estradas, os canaes, ou os monumentos, que attemem a sollicitude de uma administração patriótica e illustrada?... O nosso coração bate pela patria e quise-ramos lançar maldições... mas, não — corramos um véo sobre o passado, e esperancemo-nos de melhor futuro.

O Brasil occupando uma extensão immensa de costa, com excellentes portos, tendo hum sertão vastissimo, não deve temer a concorrência de povo algum, logo que a sua população occupe tão vasto territorio, a industria lhe dê vida, a sua produção possa apparecer aonde seja demandada, e entre em movimento em todas as direcções: só o seo commercio interno seria bastante para prosperar-o. Que será quando, aproveitando a sua posição em frente (diga-mo-lo assim) de todos os portos do mundo, offereça a todas as nações copia de transmutações que atraião as vantagens de um commercio activo e prospero! E quaes são os meios conducentes ao fim que desejamos? Promover por todos os modos possiveis a povoação de nossos sertões, e a moralidade desta povoação; sua applicação ao trabalho, e preparar-lhe as vias de comunicação, e transporte dos fructos da sua industria.

Memoria analytica acerca do commercio de escravos, e acerca dos males da escravidão domestica, por T. L. C. B.

Ha na ordem de cousas, que os annos consagraram uma grande força de resistencia. O espirito humano difficilmente devorcia-se dos preconceitos do passado para accitar as ideias de reforma, e de progresso. Os principios, sob cuja influencia tem vivido longo tempo uma sociedade, formam, por assim dizer, uma parte integrante da razão publica; dahi vem, a immensa difficuldade de destruil-os, porque o espirito resiste a abdicar-se a si mesmo, condenando como falso o fundo inveterado das suas ideias. Tal é a posição moral do Brasil relativamente á servidão domestica. Nós vivemos desde tres seculos debaixo do jugo do prejuizo, que nos affigura a industria servil como a unica possivel e lucrativa sob o céu ardente dos tropicos, e oppoem-se com a maior contumacia á toda innovação no systema do trabalho. Contra estes prejuizos as leis penaes, todas as medidas de repressão serão sempre inefficazes e impotentes, tanto que uma revolução moral não se operar nos espiritos, e mudar os sentimentos publicos a este respeito. A *Memoria analytica acerca dos males da escravidão domestica* é concebida e escripta n'este sentido. O

autor para satisfazer o programma de uma sociedade, que já não existe, propõe-se a mostrar a immoralidade do commercio de escravos, a vantagem do servico dos homens livres sobre o dos escravos, a fazer ver a fatal influencia, que exercem nos nossos costumes civilização e liberdade, emfim a expender os meios, pelos quaes a sua importação pode ser supprida. Esta memoria, que nas tres primeiras questões deve ser considerada menos como um trabalho original do que como a versão resumida do quarto volume do Tratado de Legislação de Mr. Charles Comte, é uma publicação do maior interesse, e importancia. Ella demonstra com bastante profundesa de vistas o quanto a existencia da escravatura está em desarmonia com os sentimentos moraes, e religiosos, que devem animar um povo livre e civilizado. O christianismo, e a moral dão-se as mãos para stigmatizar essa odiosa exploração do homem pelo homem. Em quanto as palavras dos Clarkson, e dos Wilperforce conseguiram acabar em todas as partes do mundo esse commercio de mercadorias humanas, no Brasil elle continua em grande escalla, penetra-o por todos os poros; o contrabandista apoiado na base dos sentimentos de uma parte da população, escarnece das leis, e continúa com successo a detestavel especulação. A *Memoria* nada deixa a desejar n'este assumpto; todos os argumentos, e profundas considerações de Mr. Charles Comte são reproduzidas á proposito e bem commentadas.

O mesmo diremos do capitulo, que trata da influencia da escravatura relativamente aos costumes, e á civilização. O autor parafraseando o original francez, examina essa influencia em todos os povos possuidores de escravos, gregos, romanos, povos da meia-idade, habitantes das modernas colonias inglesas, francesas, hollandesas, hespanholas. Os resultados são sempre os mesmos; a verificação historica dá sempre identica consequencia. O facto mais geral, o facto culminante, que offerece este exame, é o desprezo das classes livres para a industria, que é reputada profissão degradante; a ignominia do trabalho transmite-se ao trabalhador. Quer nas republicas antigas, que assentavam a estatua da liberdade sobre os hombros do escravo, quer nas nações de hoje, a unica profissão do galarim, a unica reputada honrosa, é a que colloca

o cidadão na posição de influir sobre a sociedade, e sobre os outros homens. A philosophia grega proclama a indignidade e a vilania das artes uteis, porque, emfim a philosophia é a expressão do seo tempo, representa formula o pensamento geral da sua epocha.

Em Roma declara-se em pleno senado que os trabalhos industriaes são indignos do cidadão romano; o horror do desprezo affugenta as massas sociaes d'esta occupação de escravos; a agricultura, e as artes marcham rapidamente para a decadencia, apesar dos esforços generosos de Plinio, Columello, e Varro. A introdução dos escravos faz desaparecer os habitos laboriosos e simples dos Cincinatos; não ha mais quem dirija alternativamente as rodas da charrua, e as armas do dictador. Na meia-idade, o cavalleiro deshonra-se trabalhando: para elle a espada, uma rica armadura, e o direito de pillagem; para povoações escravas a agricultura, e a industria. O Hollandez, o Francez, o Inglez tão activos, e industriosos, nos seos países respectivos entranham-se de uma repugnancia irresistivel ao trabalho nas colonias, onde a industria anda enregue aos braços africanos.

No Brasil a presença da escravatura tem surtido os mesmos effectos; esse corpo extranho implantado no coração da organização social nos tem tirado as tendencias, que devíamos ter; a aversão das profissões industriaes é um facto geralmente sentido; a avidez dos publicos empregos excede todas os limites, avidez que não é particular ao Brasil, mas commum á todos as nações proprietarias de escravos. Assignalaremos nós os outros inconvenientes da servidão domestica sobre os costumes, de que trata a *Memoria*?

Remettemos o leitor para a leitura da publicação, que analysamos. Ahi o quadro dos vicios, das enormidades, dos desmanchos dos costumes occasionados pela presença dos escravos, acha-se traçado com a maior verdade, e energia. Da serie de factos, que n'ella abundam deprehende-se, que a servidão domestica ainda é mais funesta para o senhor do que para o escravo.

A parte economica da *Memoria analytica*, em que considera a escravatura sob o ponto de vista da produção das riquezas não é inferior ás outras. O systema do trabalho servil é sem comparação menos lucrativo que o do trabalho livre. O raciocinio, a experiencia do

todos os povos, e de todos os tempos comprovam esta verdade do modo o mais incontestavel. O espaço falta-nos; em outro numero voltaremos á esta extelente publicação.

EMBARQUE

DA EXPEDIÇÃO PARA O RIO GRANDE.

Com toda a solemnidade militar reunio-se hontem no largo da paco pelas nove horas da manhã a tropa destinada a ir levar a paz á provincia do Rio Grande. As esperanças resnasceram em todos os corações dos amigos da ordem, e alegria misturada de saudade e de entusiasmo corava as faces do numeroso concurso de povo que observava a intrepidez de seus bravos concidadãos que não cuidados dos perigos da guerra só se animam com a lembrança da victoria, e com a certeza de que são elles os escolhidos para dar a paz á nação amedrontada. E' grande o sacrificio da vida, mas tambem não ha gloria superior a do bravo soldado. E' nestas épocas que o soldado se ufana com sua sorte; é nestas épocas que os cidadãos pacíficos reconhecem que o valor é uma grande virtude.

Foi uma scena verdadeiramente sentimental, e as emoções se pintaram nas faces dos assistentes. A presença do joven monarcha e de todo o ministerio, que sabe desarte grangear a confiança de um povo já sem esperanças, suscitava mil observações. Ha pouco tudo nos faltava, a incertesa impedia até a reflexão, hoje parece que tudo nos sobeja. A prestesa com que passamos da morte á vida, da duvida á certeza é já um grande passo que havemos dado. O ministerio pode-se applaudir desta primeiro serviço, e a nação que não duvida de suas intenções, confia nas suas luses. A pesar de tantos obstaculos pôde o governo organizar esta expedição, e é de esperar que não serão frustrados os seus desvelos. O Brasil comparando o estado actual da marcha dos nossos negocios, com a tenebrosa e malevola politica dos transactos ministerios não deixará de reconhecer o quanto é superior a intelligencia illustrada á testa dos negocios do instincto caprichoso. Queira o céo que o animo renascido da miseria em que viviamos seja o nuncio da nossa elevação, e que nunca volte a tempestade que se vai serenando com

o apparecimento da luz da intelligencia que brilha na cúpula do edificio social.

M.

RIO-GRANDENSES!

As desordens de vossa provincia tem consternado o coração de todos os Brasileiros. Unidos pelo sagrado vinculo da mesma religião, da mesma lei fundamental, dos mesmos interesses e recordações gloriosas, elles sempre considerarão proprias as desgraças de qualquer dos membros da grande familia.

Interprete fiel dos seus e dos vossos proprios sentimentos, zeloso guarda da monarchia constitucional e integridade do imperio, condições essenciaes da nossa actual e futura felicidade, o regente interino, em nome do imperador o Sr. D. Pedro II, vai de novo esforçar-se em restaurar a paz, e o imperio da lei, que alguns homens insidiosos ou illudidos tem calcado aos pés em vossa provincia.

De diversos pontos do imperio marchão forças, e forças sufficientes para tão desejado effeito; e não receies que vos fallegão jamais os recursos necessarios para o triumpho da ordem e da liberdade.

Rio-Grandenses! O regente interino, em nome do imperador, não tendo em vista a vingança nem a perseguição, ao mesmo passo que arma os generaes com a espada, tão bem lhes entrega o ramo da oliveira. O mais glorioso feito das armas imperiaes será o de conciliar irmãos.

O recurso ás armas só terá logar contra aquelles que inteiramente surdos á voz da razão e da justiça, surdos á voz de seus proprios interesses, e de seus compatriotas, que lhe offerecerem o braço fraternal, continuarem na carreira da anarchia e da deshonra.

Rio-Grandenses! O Governo Imperial fará quanto deve: cumpre que o conjuveis. A divina providencia que vela sobre os preciosos dias do nosso joven Monarcha, bem como sobre os destinos do Brasil, coroará os nossos esforços com o mais feliz successo.

Viva a Religião! Viva a Constituição e o Acto Adicional! Viva o Imperador! Vivão os Rio-Grandenses, defensores de tão sagrados objectos!

Palacio do Rio de Janeiro, em 6 de Outubro de 1837. — Pedro de Araujo Lima. — Bernardo Pereira de Vasconcellos.

OBRAS PUBLICAS.

Pede-se-nos a incerção do seguinte:

O gosto architectonico de nossos monumentos cada dia dá um passo para a retrogradação, e parece que cede á influencia das ideias do tempo em materia do bello.

A camara dos senadores, ou armasem que se construe debaixo d'este pomposo titulo é uma fabrica provisoria, e de um provisório aterrador, porque baseada sobre o antigo alicerce nos augura a mesma sorte do antigo palacio do conde dos Arcos estragado e mutilado pelo carpinteiro Cavour's tão intelligente em politica como em bellas-artistas. E' pouco lisonjeiro o monumento que a camara manda elevar para n'elle dirigir os seus tra-

balhos: a consagração de um monumento a um fim qualquer é a manifestação da intendade da ideia que o erige; e uma camara, (n'um paiz, que não é de *Cincinnatus*), que deixa executar-se semelhante barraca, ou é porque negligencia sua propria ostentação e nobreza, ou por falta de sentimento do bello; a consequencia é triste, e pouco lisonjeira para todos.

O que acontece na camara dos senadores, na congregação do que ha de mais illustre no Brasil acontece no Theatro nacional. Um templo de bellas-artistas que não é presidido pelas bellas-artistas; um monumento reconhecido imperfeito, d'esde o seu começo, e que se reedifica ou restaura, passa do estado mediocre ao estado da caricatura e dir-se-ha que presidem a sua construção o mau gosto e a ignorancia. Consta-nos que o Sr. Araujo Porto Alegre dera um desenho para a fachada do Theatro fluminense, mas tambem não accreditamos que elle seja o executado, por que é impossivel que o Sr. Araujo que estudou e viajou quasi toda a Europa não appresentasse uma obra capaz de sua reputação. O Theatro da praia de D. Manoel é um absurdo na architectura, e a decoração interna está abaixo de tudo quanto se pode imaginar: si esse theatro fosse construido por um simples particular que entregasse a edificação a um carpinteiro, como entre nós se faz, ainda passaria com desculpa, mas edificado por artistas, e apresentar-se tal que o primeiro estrangeiro, que vir, e souber d'esta circumstancia dirá que os artistas que o edificaram são tanto na arte dramatica, quanto o mestre carpinteiro é em architectura.

A Academia das bellas-artistas, que é o melhor monumento do Brasil, tem um prospecto; o Thesouro nacional que lhe está contiguo tem outro: ora devendo-se fabricar uma casa entre estas duas fabricas o bom senso pede que se fassa de uma das duas architecturas, ou a do thesouro ou a da academia, mas quiz a fatalidade que se fizesse uma gaiolla d'entro sem uma nem outra! Ora isto é uma completa negativa do sentimento das artes?

A casa que se acha na rua do Ouvidor, e que apresenta um baixo relevo colorido figurando um marinheiro com duas caens é da escola da outra que está no largo d'Ajuda com uns tropheos maritimos, e estas duas propriedades bastariam para attestar a retrogradação que fizesmos na architectura, d'esde o vice-rei Vasconcellos até hoje.

A fachada do Museu, o Quartel dos permanentes, o Quartel do campo de S. Anna, o sobrado do Arsenal de marinha e outros mais primores d'arte se podem com razão chamar monumentos d'arte barbara.

Nós temos homens, procurem-nos.

M. A.

LITTERATURA.

CASIMIR DELAVIGNE.

Casimir Delavigne é o representante do verdadeiro e puro romantismo litterario em Paris: no meio dos horrores, e imprecações, que exhalavam os theatros durante os annos de 1828, 29, 30, e 31, tempo do reinado da escola ultra-romantica, atacado por todos os lados e por todos os adeptos das novas doutrinas, conservou-se sempre no mesmo systema, que havia adoptado, tudo despresou, insultos e criticas infundadas, odios e desejos de derrubar-lhe a gloria, que com tanto trabalho havia adquirido. Depois de uma furiosa representação de *Lucrécia Borgia*, da *Torre de Nesle*, da *Camara Ardente*, elle se apresentava com um Luiz XI, tragedia em 5 actos, e em verso; e á despeito das intrigas e cabalas de seos desesperados rivais, esta composição maiores applausos, e mais successos obtinha do que todas as obras delirantes e exageradas dos dramaturgos ultraromanticos. O publico de Paris, e da França tinha razão no acolhimento das composições de Delavigne, por que quanto é mais bella a pintura real da natureza, quando envolvida nas negras vestes nocturnas, vê deslizar os raios da lua, que predomina entre os astros, candida e sublime, e esses raios assemelhando-se ás inspirações angelicas, que communicam o homem com a divindade? Quanta é mais sublime a descripção de uma linda cascata, que resvala em uma campina coronada de fructíferas arvores, sobre as quaes echoam os gorgêos dos passaros, que brincando e saltando, tecem hymnos de amor ao autor do universo? Quanto é mais agradável o esboço de uma manhã tendo por adornos esses lindos meteoros, essas linhas de fogo, que parecem á roda d'ella festejar-a? Quanto é superior esta viva poesia, tão verdadeira, tão attractiva á descripção do sol do meio dia, com seos raios de fogo, que abrasam, com seo excentrico calor, que nos affadiga?

Assim se podem diffinir os dous systemas, romantico puro, e ultra-romantico: o primeiro agradável, interessante, natural; o segundo exagerado, furioso, sanguinario, cadaverico, monstruoso.

Casimir Delavigne foi, segundo a voz publica, escrevente de um tabellião publico, e ali quando lhe faltavam trabalhos judiciaes, autos de processos e mais papeis de chicaneria forense, copiava peças de theatro, para a divisão das partes entre os actores: o gosto de tal trabalho foi-se lhe communicando, e tentou compor uma tragedia, na idade de

vinte e oito annos. *As Vesperas Sicilianas* foram o producto de suas vigilias, tragedia em 5 actos, onde se reconhece um verdadeiro talento, que começara á brilhar n'uma vasta carreira. O grande estudo de processos, o intrincado trabalho de fóro, deram-lhe um espirito de meditação sobre tudo o que compoem, e ao mesmo tempo lhe descobriram os arcanos do coração humano. O uso de ouvir partes litigantes, de emaranhar as questões, de procurar todos os meios possiveis para defender ou atacar o adversario, de indagar sophismas, que tendam á dar por verdadeiro o que ao primeiro golpe de vista parece impossivel, de excogitar razões pró e contra segundo a occasião e o momento, de aprofundar a consciencia das pessoas, que procuram o ministerio do advogado, dão uma certa sciencia dos desejos, o sentimentos do coração humano, desenvolvem a theoria dos diversos intimos affectos, que predominam nos homens; e essa theoria, não se aprehe senão com o uso, a pratica e longo habito. Casimir Delavigne descreveo com toda a verdade e natural as personagens, que collocou em scena; e ainda que faltasse a verdade historica no que diz á respeito dos Franceses, que tantas barbaridades commetteram na Sicilia, quando a governaram, com tudo este defeito, este erro é desculpado, por ser em um autor francez, que não deve apresentar os seos compatriotas sob tão negras cores.

Immediatamente a tragedia do *Paria* seguiu *as Vesperas Sicilianas*. Inspiração das gregas composições, amoldada sobre as tragedias de Sophocles, este novo drama finalisa todos os seos actos por chôros de virgens, e do povo Brahma, tão poeticos, tão aërios, que quasi rivalisam com os Psalmos de David. O enredo d'esta tragedia é simples, e curto, porém tão bem desenvolvido, que a attenção do expectador se acha identificada com a marcha da tragedia. A pintura do — *Paria* — d'esse misero ente, sem pai, sem mãe, sem fortuna, sem casa, exposto ás injurias da terra, e aos insultos do ar: perseguido pelos homens, que se acreditam de differente especie, só sustentado, só apoiado sobre o amor de uma joven e innocente filha que esquece os seos votos de virgem do sol, para prender-se em cadeias terrestres, que a devem conduzir ao principio, e acarretar o deshonra sobre toda a sua familia, é divinamente desenvolvida.

Si até aqui o temos visto poeta tragico, eis-o que se lança nos braços de Melpomene, e que nos mimosêa com duas lindissimas comedias, intituladas — *a Escola dos Velhos* — e — *os Comicos*. — N'estas duas composições nota-se tudo quanto elle aprendeo, como escrevente de tabellião; intrigas conjugaes, enredos domesticos, amorosos praseres, ga-

lantes aventuras, tudo elle descreve, e seos traços são novas vidas ás passagens que elle desenvolve.

Uma traducção, ou melhor uma imitação de *Marlão Faliere*, tragedia de Lord Byron, adaptada ao Theatro Francez, toma logar no meio de seos trabalhos de composição, e é immediatamente seguida do seo *primor d'arte*, da mais sublime das modernas composições, Luiz XI, parecendo servir de degrãos de escada, pelos quaes possa elle subir á aquella magnifica obra. Uma análise de Luiz XI é tão difficil, como foi sua composição. Não se pode dizer nem pouco, nem muito. Tudo está tão bem ordenado, e tão ricamente colorido, o todo, partes, caracteres, paixões, sentimentos, historia, linguagem, usanças antigas, que tornam desnecessario o *methodo anatomico* na arte litteraria. E' necessario ver Luiz XI, para bem se poder apreciar, porém não Luiz XI mutilado, cortado, assassinado, como no Brasil se pratica com as obras litterarias.

Uma imitação do *Ricardo III* de Shakspear, sob o nome de — Filhos de Eduardo — servio de passatempo ao autor de Luiz XI, para a preparação de Dom João d'Austria, comedia em 5 actos, e de — Uma familia no tempo de Luthero — tragedia em 1 acto, e em verso. Cada qual d'estas ultimas peças é magnifica e digna de Delavigne. De todos os poetas dramaticos, que brilham em Paris, Delavigne e Scribe, são os dous unicos, que maiores successos tem obtido.

Delavigne é autor tambem de uma collecção de bellas poesias intituladas — *Messénienes* — cantatas verdadeiramente patrioticas, e inspiradas. Durante o ephemero reinado dos *Bourbons* pertencia elle ao partido da opposição: repercutia com suas poesias o echo, que rompia as abobedas da camara dos deputados; unia os canticos harmoniosos de sua lyra ás voses eloquentes de Benjamin Constant, Royer Collard, e Dupin aîné; allia seos versos tão cadenciados á prosa fogosa de Armand Carrel, e de Thiers: rival de Beranger, era o poeta da classe media da população, cujos animos elle revolia, como Beranger era o da classe plebeia, que com suas cantigas se exaltava, e anhellava revoluções.

Hoje occupa elle o logar de bibliotecario publico; é membro da Academia Franceza, defende o partido de Luiz Felipe, e coroado de louros na idade de quarenta e cinco annos, nada teme da morte, porque agora só lhe pode ella roubar a vida, esmagar-lhe o corpo, pois que seo nome pertence á posteridade:

P. S.